O DIA 31 JANEIRO 1979

# florete

por João Garin

## O Planeta dos Macacos (10)

## *Cinco cenas em um acto para desinfectar o D. Maria*

Três dias de trégua para remuniciamento e recuperação de forças e eis-me de novo carregando e disparando em bateria sobre a Secretaria de Estado da Cultura, vulgo, "O Planeta dos Macacos". Cabe agora a vez ao teatro de D. Maria II, ou Casa de Garret, como se lhe quiser chamar, A partir de hoje, porém, a simpática sala de espectáculos poderá gabar-se de ter conquistado outro nome – Sucursal do "Planeta" nos Restauradores.

Como de teatro se trata, peço aos leitores que me permitam proceder a uma pequena e inofensiva experiência literária de acordo com a circunstância e para a qual, desde já solicito a vossa benevolência.

*I E ÚNICO ACTO*

O contra-regra bate o pau... bem, não chega a fazê-lo porque o cacete, mal toca no soalho, desfaz-se em pó. Corre a cortina... quer dizer, correm uns farrapos de tecido suspensos num arame. Adiante se perceberá o porquê destas anomalias.

O palco é o do D. Maria, feericamente iluminado. Está repleto de sucata. Móveis velhos, pranchas e barrotes de madeira dos mais diversos formatos, jarrões de barro com mossas na pintura e gatos, colchões com a palha fugindo por buracos enormes, almofadas estripadas, um penico sem asa, cadeiras sem fundo e sem pernas, torneiras de latão comidas pelo azebre, um bidé com armação ferrugenta, baldes de plástico rebentados e sem pegas, etc., amontoam-se na maior das balbúrdias, ocupando quase todo o espaço cénico.

Em torno do monturo esvoaçam milhares de borboletas da traça. Em todas as direcções saltam pulgas e correm percevejos. Ouve-se, distintamente, o caruncho roendo as entranhas do madeirame. Aranhas de dimensões variadas tecem monstruosas teias por todos os cantos. Outros parasitas desconhecidos dos entomologistas, arreganham fauces disformes e estão postados à boca de cena, ameaçando invadir a plateia a todo o momento.

*CENA I*

Pela direita entra um personagem. É Francisco Ribeiro, o director artístico da comissão administrativa do teatro. Traz na mão direita um molho de chaves e na esquerda uma garrafa de leite Vigor vazia.

F. RIBEIRO – (em monólogo) Ora ainda bem que já chegaram os adereços que vendi ao D. Maria. Julgo faltarem apenas este molho de chaves e esta garrafa de leite. (Deposita com cuidado os dois objectos num sofá esventrado pelas respectivas molas. Introduz a mão no bolso das calças e produz um caderno quadriculado. Começa a conferir o lixo. Demora meia-hora, apontando com o dedo e murmurando) – Depois, em voz audível, prossegue:

Tudo em ordem (pausa e sorriso). Ainda bem que não me desfiz desta tralha. Deram-me quatrocentos e cinquenta contos por tudo isto! É de borla! Têm muito que me agradecer, talvez mesmo de me louvar... (pausa). Se não fosse esta minha brilhante ideia, nunca se teria conseguido inaugurar o teatro na data prevista... (Encara um velho relógio de parede, todo danificado, que se encontra sobre uma pilha de roupa velha e suja. Finge recordar tempos passados, revirando os olhos e levando a mão à cabeça).

*CENA II*

Traças, pulgas, percevejos, aranhas e restantes parasitas aumentam gradualmente de número ao longo desta cena. Pelo centro, através da sucata, entra o pintor Lima de Freitas, presidente da direcção da comissão administrativa.

LIMA DE FREITAS (radiante) – Bom dia Francisco... Ah! Vejo que já temos os adereços que nos vendeste. Valem bem 450 contos.

F. RIBEIRO (despertando subitamente da viagem ao passado) – Sem... sem dúvida. Tenho a certeza que por este preço não se encontraria melhor material no mercado. Nem tanta tralha, nem tanto bicho. Dão ao teatro a "patine" que lhe faltava...

LIMA DE FREITAS – Tens toda a razão. Ainda bem que o secretário de Estado (vénia) não levantou quaisquer objecções e despachou a autorização para a compra.

*CENA III*

Os mesmos dois personagens das cenas anteriores deixam de se ver. São a partir daqui autênticas piras de parasitas. A bicharada, depois de engolir a caixa do ponto, desceu à plateia e começou a devorar as poltronas, as passadeiras, as alcatifas, as portas, os caixilhos, a talha dourada, etc.

F. RIBEIRO e LIMA DE FREITAS (em dueto e com vozes de falsete, simulando pânico) – Socorro! Aqui d'el-Rei! Eles comem tudo, eles comem tudo, eles comem tudo e não deixam nada! (Nesta tirada deverão ser acompanhados à viola por Zeca Afonso). Ui que me estão a morder! Parem! Socorro! Ai, ai, ai, aiiiiiii...

*CENA IV*

Os personagens estão lentamente a ser devorados pelos vários animalejos. Dois percevejos descomunais, já saciados, chegam à boca de cena e começam a palitar os dentes. Saltitando, entra pela esquerda o antigo terceiro membro da comissão administrativa – o actor Costa Ferreira.

É o único que não entra, fato normal mas um "T-shirt" vermelho com a foice e o martelo em amarelo e "jeans" também vermelhos. Uma mão na cintura, o outro braço erguido e dobrado para a frente. Lembra um bule estilo D. João V.

COSTA FERREIRA – Uhhhhhh! O que é isto? Ai que horrorrrre...

Nada mais diz, pois é também atacado pelos parasitas e soçobra, tal como os outros dois, entrando imediatamente em convulsões no estilo "expressão corporal".

OS TRÊS EM UNÍSSONO – Socorro! Socorrooooooo!...

*CENA V*

Pela porta de acesso à sala para os espectadores, avançam doze homens espadaúdos, envergando fatos de amianto, capacete com viseiras de vidro e garrafas de oxigénio. Empunham descomunais bombas de Shelltox. São a brigada de desinfestação que é liderada por uma décima terceira figura que veste toga de advogado e tem o rosto pintado de cal. A uma ordem deste, os outros disparam grandes jacto de insecticida em todas as direcções. Gastas as munições e a outro comando do indivíduo caiado desembainham poderosas espadas com as quais liquidam os parasitas sobreviventes. Sobem ao monturo e desaparecem pelo fundo do palco.

Toneladas de insectos jazem mortos no chão.

Lima de Freitas, F. Ribeiro e Costa Ferreira estão desmaiados, já libertos dos bicharocos. Têm os fatos rasgados e apresentam bolhas, babas, borbulhas e mordidelas. A pouco e pouco – meia hora – recuperam a consciência. Ao mesmo tempo levantam-se e saem de cena, respectivamente pelo centro, pela direita e pela esquerda, sem proferirem uma palavra.

CAI O ÓRGÃO ROÍDO ATÉ AOS FOLES. O PIANO TOCA A "INTERNACIONAL".

NOTA – É evidente que não se esperam espectadores para este espectáculo pois foi subsidiado pela Direcção-Geral da Acção Cultural e pela Direcção Geral dos Espectáculos, ambas SEC. A sala não pode ter vivalma para que os parasitas se movimentem sem problemas.

Pensam os leitores que esta peçazinha rabiscada à pressa, com um único acto apenas, é exclusivo produto da minha imaginçaão? Enganam-se!

Se lhe subtraírmos certa dose de exagero em alguns pormenores que a linguagem teatral me permitiu empolar, garanto-vos que ela já se desenrolou no Teatro D. Maria II, quando Francisco Ribeiro (Ribeirinho) vendeu ao teatro por quatrocentos e cinquenta contos, com acordo de Lima de Freitas e do secretário de Estado da Cultura então em exercício velhos adereços que possuía há décadas em armazém, os quais se encontravam repletos de parasitas que, imediatamente, assaltaram os novos tecidos, tapeçarias e madeiras do D. Maria II. Simplesmente deveria ter o cuidado patriótico de requisitar a brigada de desinfestação antes (e não depois) de entregar ao Estado as velharias "valiosas".

Enfim, mais uma "macacada" patrocinada pela SEC. Mas há mais, amanhã, há muito mais...

Fundação Cuidar o Futuro